

2007

## De Amor e de Morte

Mónica Ayala-Martínez  
*Denison University*

Follow this and additional works at: <https://digitalcommons.denison.edu/collage>



Part of the [Modern Languages Commons](#), [Photography Commons](#), and the [Poetry Commons](#)

---

### Recommended Citation

Ayala-Martínez, Mónica (2007) "De Amor e de Morte," *Collage*: Vol. 3 : No. 1 , Article 39.  
Available at: <https://digitalcommons.denison.edu/collage/vol3/iss1/39>

This Article is brought to you for free and open access by the Modern Languages at Denison Digital Commons. It has been accepted for inclusion in Collage by an authorized editor of Denison Digital Commons.

***De Amor e de Morte***  
**Mónica Ayala-Martínez**

Meu corpo foi achado num canto do parque. Era um corpo morto mas era também uma pergunta aberta. Nenhuma sinal, nada inusitado num corpo sem vida senão pela sua presença num canto do parque. “Que lugar absurdo para morrer,” dizia o policial. Senso comum demais faz a gente idiota, pensava eu quando o ouvia. Eu via meu corpo lá, feita um barulhinho de carne e de ossos gelados e rígidos por todo o frio que se sente quando a morte chegar. Os policiais preocupados por determinar a hora e as circunstâncias, mas eu lá, morta; não falecida nem difunta, só morta, tuda, completamente vaciada de palavras, de ações. Eles e a mania de exatidão e de saber quando, como, enquanto uma habitou sempre o destempero, numa espécie de retardo perpétuo, cheia de olvidos, de memórias imprecisas, juxtapostas ou completamente apagadas, ou habitando num presente sempre em perigo de render-se ante as arremetidas da imaginação e da fantasia.

Um rolo, uma madeixa cheia de nodinhos que já não esperam mas desfiar-se. Um rolo de dôr e de morte num canto do parque, justo onde um dia ele deixou atiradas suas botas velhas, esbanjadas, porque já era justo e decente mudá-las, todos lhe tinham dito. Eu tinha escolhido uma botas novas para seus pés burdos e enormes, mas aptos para carícias ternas e doces. Eu foi assim outras vezes, um rolo, um nó cego entrelaçado nas pernas, nos dedos, nos olhos dele. Tantas vezes assim, esperando me cheiar de cheiros, de mêl, de unturas, ou só deitada ali, como uma boneca quebrada, com este corpo flácido lá, no canto do parque.

E eles que não lo sabem, e só perguntam cómo, quando, e meu nome e a idade. E eu me repetindo: tanto lugar común faz a gente idiota, porque não sabem que a gente só morre de morte natural, sem causas e sem pretextos.

Eu acordei uma manhã e notei a ausência dele; sua não presença. Não estavam ali seus pés de monstro terno nem os vestígios das suas doçuras, nem seus olhos. Somente um forte cheiro a abandono, a fugida. Eu estive morta desde esse momento e me refugiei nesse canto do parque só para saber que sempre eu tinha estado assim; que nunca tinha estado cheia, que sempre me tinha vaciado; que a única certeza de seu amor, seus únicos vestígios, eram os nodinhos de solidão com os quais tinha ligado meu corpo. Esse corpo que já não pode ser mais do que um rolo vazio num canto do parque. Morto de solidão. Morto de olvido.

*This is the story of the loneliness of a woman abandoned by her lover.*